

DESENHO DIDÁTICO E MEDIAÇÃO PEDAGÓGICA EM AMBIENTES VIRTUAIS: CONTRIBUIÇÕES À EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA

Raianny Lima Soares - raianny@multimeios.ufc.br - UFC

Hermínio Borges Neto - herminio@multimeios.ufc.br - UFC

Antonia Lis de Maria Martins Torres - lisdemaria@multimeios.ufc.br - UFC

RESUMO. *Considerando-se as potencialidades trazidas com o contexto sociotécnico que marca a cibercultura, o presente artigo discute sobre as possibilidades e desafios do desenho didático e da mediação pedagógica em Ambientes Virtuais de Ensino (AVE) destinados à Educação a Distância (EaD). Para tanto, realizou-se uma pesquisa bibliográfica acerca das categorias: desenho didático e mediação pedagógica, para as quais foram elencadas possibilidades e desafios. A sistematização dos dados indica estas categorias como essenciais e indissociáveis no que se refere ao desenvolvimento de uma EaD colaborativa e intencional, sobretudo pelo ressignificar de olhares destinados às interfaces, bem como à intencionalidade educativa que deve orientar as ações docentes.*

Palavras-chave: *desenho didático. mediação pedagógica. ambiente virtual de ensino. educação a distância.*

ABSTRACT. *Considering the potential brought to the socio-technical context that marks the cyberculture, this article discusses the possibilities and challenges of teaching design and teaching mediation Teaching Virtual Environment (TVE) for the Distance Education (DE). Therefore, a literature search of the categories was held : teaching design and teaching mediation for which were listed possibilities and challenges . The systematization of data indicates these categories as essential and inseparable when it comes to developing a collaborative and purposeful distance education, particularly by reframing looks for the interfaces, as well as the educational intentionality that should guide the teachers' actions.*

Keywords: *instructional design. pedagogical mediation. teaching virtual environment. distance education.*

Submetido em 30 de março de 2016.

Aceito para publicação em 16 de agosto de 2016.

POLÍTICA DE ACESSO LIVRE

Esta revista oferece acesso livre imediato ao seu conteúdo, seguindo o princípio de que disponibilizar gratuitamente o conhecimento científico ao público proporciona sua democratização.

1. INTRODUÇÃO

O cenário sócio-técnico no qual estamos inseridos aponta para um processo de ressignificação das Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDIC) na medida em que atividades cotidianas cada vez mais são potencializadas pelas possibilidades trazidas pelas Interfaces Digitais Interativas (IDI) (YOUNG, 2014). Há que se destacar que a Educação, enquanto parte integrante desta dialética sociotécnica, não está isenta destas relações e suscita o debate acerca dessas potencialidades para práticas intencionais comprometidas com a dialogicidade.

Este panorama incentiva a formação de novas relações entre os sujeitos e as máquinas (GOMEZ, 2004), bem como a constituição de novos saberes vinculados às trocas de experiências entre os envolvidos neste processo. No entanto, embora reconheça e se reconheça frente a este contexto de possibilidades trazidas pelas redes de saberes, é necessário considerar que a tecnologia deve ser apenas *um* dos elementos frente ao compromisso que deve ser afirmado com a docência e, por conseguinte, com a Didática.

No que se refere especificamente à Educação a Distância (EaD), é sabido que seu contexto histórico é anterior a utilização dos computadores e da Internet tendo em vista a comunicação unidirecional que caracterizava esta prática. Os cursos realizados através de cartas, jornais, revistas, rádio e televisão tinham como ponto de destaque necessariamente a distância física entre os envolvidos nos processos de ensino e aprendizagem (NOVA & ALVES, 2003) e as relações didáticas, sobretudo em relação à mediação pedagógica e ao planejamento dos cursos, esbarrando nas dificuldades de interação e comunicação.

É certo que o advento da cibercultura colaborou com ampliações significativas a estes contextos na medida em que o termo “ciber” trouxe consigo não apenas a tecnologia, mas propostas de (re)organização, disposição e percepção acerca das informações (LEMOS, 2013). O sujeito que antes se caracterizava como receptor, com a cibercultura, não apenas o faz, mas também produz, compartilha, colabora e constitui-se em um processo de co-autoria e diálogo com o saber do outro.

Este contexto sinaliza também o processo denominado Cultura Digital, destacado por Bonilla (2012), já que tais características – co-autoria, colaboração, interatividade, diálogo(s) entre saberes - transcendem a esfera da conectividade, constituindo-se também a partir de experiências, comportamentos e percepções nas quais o sujeito possa constituir uma rede de relações que potencializem vivências em seu cotidiano.

Considerando-se que o desenvolvimento destas representações frente ao contexto educacional requer um olhar que transcenda o ensino descontextualizado ou a aprendizagem autodidata, este trabalho se justifica por trazer em seu desenvolvimento uma discussão teórica acerca dos conceitos de desenho didático e mediação pedagógica, bem como de sua relevância para a elaboração de Ambientes

Virtuais de Ensino (AVE)¹ que colaborem para uma EaD intencional, contextualizada e interativa.

Para isso, é necessário compreender que o enfoque conferido ao ensino, enquanto reflexão sobre a Didática, não distancia o professor de um olhar sobre aprendizagem. Na verdade, estas relações – de ensino e de aprendizagem – estão diretamente imbricadas, sobretudo por orientarem práticas educativas e intenções de formação. É possível afirmar, inclusive, que este debruçamento oferece ao docente os elementos que colaboram com a constituição deste olhar formativo no sentido de valorização de saberes e experiências que o aprendiz traz consigo.

A partir desta perspectiva, identificamos a necessidade de discussões que nos permitam dialogar sobre como estes aspectos influenciam na concepção acerca do desenho didático e da mediação pedagógica sob os quais são planejados os AVE para EaD. Procurando colaborar com os debates desenvolvidos em torno deste panorama, buscamos discutir neste artigo os desafios e as possibilidades que se apresentam em torno das relações entre desenho didático e mediação pedagógica em AVE para EaD.

Para fins de sistematização, na secção dois, intitulada Sistematizando conceitos e conectando fios, apresentamos uma discussão teórica acerca das categorias desenho didático e mediação pedagógica, bem como sobre as possibilidades, desafios e conexões que se apresentam a estes conceitos na busca por uma EaD marcada pela intencionalidade e pela colaboração entre sujeitos. A secção seguinte apresenta as considerações alcançadas a partir da realização deste trabalho, seguidas das referências utilizadas como fundamento para este estudo.

2. SISTEMATIZANDO CONCEITOS E CONECTANDO OS FIOS

É bem verdade que, considerando-se as devidas especificidades, buscamos nos inserir, ainda que minimamente, na conjuntura de possibilidades trazida pela evolução das Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDIC), bem como de suas interfaces com a dinâmica cotidiana. Neste contexto, “qualquer sujeito de qualquer ponto pode não só trocar informações, mas reconstruir significados, rearticular ideias individual e coletivamente, e assim partilhar novos sentidos com todos os usuários da rede, do ciberespaço” (SANTOS 2005, p.18). Estes apontamentos revelam-se importantes também para os processos didáticos, na medida em que o professor dispõe de outras possibilidades de ensino, bem como de recursos outros que podem ampliar a(s) aprendizagem(ns).

Especialmente com o advento da sociedade em rede (Castells, 1999), é possível observar que estas possibilidades se afirmam dia após dia, seja na interatividade presente na comunicação entre sujeitos, seja na resignificação dos espaços onde a

¹ Optamos por utilizar a expressão Ambiente Virtual de Ensino (AVE) por constituir-se como um conceito que vem sendo discutido pelo Laboratório de Pesquisa Múltiplos/FACED/UFC, do qual somos parte, a partir do viés intencional sobre o qual devem estar orientadas as metodologias e práticas desenvolvidas nos Ambientes Virtuais. Entretanto, escolheu-se preservar as expressões referentes aos Ambientes Virtuais de Aprendizagem (AVA) presentes nas citações do referencial teórico utilizado.

aprendizagem ocorre ou nos papéis desempenhados por aqueles que ensinam e aprendem. O fato é que,

a Web está mudando o modo de fazer cotidiano do educador e quando aliada a sua prática, torna-se um dispositivo pedagógico planetário. Especialmente na atualidade, quando se tem assumido definitivamente que a educação se realiza em outros lugares além da escola, pode-se dizer que não existem fronteiras quando se utiliza a Internet para a aprendizagem das pessoas (GOMEZ, 2004, p.22).

As considerações evidenciadas por Gomez nos convidam à reflexão acerca do papel desempenhado pela Web no que se refere à ampliação das possibilidades educativas. Não como meio de "informatizar" práticas já utilizadas, mas como forma de oportunizar novos horizontes de ensino e aprendizagem, onde o aluno sintam-se instigado a refletir de maneira crítica sobre o conhecimento e o professor, por meio de atividades direcionadas, possa mediar e ampliar esta reflexão.

Este panorama apresenta-se como oportunidade para a consolidação e expansão da EaD na medida em que amplia as possibilidades de comunicação em rede, por meio de interfaces presentes nos Ambientes Virtuais Informatizados. Nos contextos de ensino e aprendizagem, estes ambientes podem apresentar-se enquanto espaços onde a colaboração entre sujeitos assume papel de destaque na constituição do conhecimento, na medida em que usuários destes ambientes podem, além de buscar informações, produzir, modificar e compartilhá-las, possibilitando assim uma ressignificação dos conhecimentos construídos coletivamente.

Neste caso, a individualidade com a qual são percebidos os atos de ensinar e aprender vai, aos poucos, estabelecendo espaços de reflexão sobre estes enquanto processos sociais que são, em suas especificidades, marcadas pelo agir coletivo, dialógico e implicado (MAURI E ONRUBIA, 2010).

É oportuno destacar, porém, que a informatização por si e em si não é garantia de inovações no que se refere ao ensino e à aprendizagem. Há que se pensar o processo de informatização não apenas como uma imposição do mercado de trabalho, que defende a utilização do computador com internet, mas em como as potencialidades de "(in)formação" trazidas pelas interfaces podem contribuir para os processos didáticos (BORGES NETO, 1998).

Corroborando com estes apontamentos, Santos e Weber (2013) destacam as potencialidades trazidas pelos Ambientes Virtuais de Aprendizagem no sentido de ampliar as possibilidades contextuais da educação online, a partir da combinação das mais diversas mídias, tais como vídeos, imagens e interfaces próprias da internet (chats, fóruns).

Para as autoras, estas possibilidades se (re)configuram a partir do diálogo entre múltiplas formas de aprendizagem. Consideramos esta, uma discussão bastante pertinente na medida em que estas interfaces podem oportunizar excelentes diálogos colaborativos e autorais. Nesta perspectiva, para além dos debates sobre flexibilização de tempo(s) e espaço(s), apresentados por Mill (2012) ou ainda sobre a questão utilitária destas ressignificações de espaços e tempos problematizadas por Lopez e

David (2012), é interessante ponderarmos com cautela sobre como se organizam as intencionalidades propostas nestes ambientes e práticas nas quais os debates e interfaces sobre/com as TDIC se fazem presentes.

Sendo assim, pensar sobre o desenho didático e a mediação pedagógica em Ambiente Virtuais de Ensino para EaD sugere considerarmos as percepções e conceitos que vem sendo construídos nos diálogos e debates educacionais acerca desta modalidade de ensino, bem como sobre as potencialidades das IDI para o contexto das práticas pedagógicas, já que, além de contribuir para que os professores e alunos se sintam parte do ciberespaço, este processo revela um ensino que transcende a esfera reprodutivista, encontrando subsídios principalmente na interatividade e na colaboração entre os envolvidos.

Amparados nestas convicções iniciais, a secções seguintes apontam os diálogos entre autores acerca dos elementos que formam os conceitos de desenho didático e mediação pedagógica.

~~2.1 Desenho Didático~~

Tratar sobre as possibilidades pedagógicas trazidas pelo desenho didático para AVE destinados à EaD sugere considerarmos as implicações deste cenário sociotécnico contextualizado pela cibercultura e potencializado pelo desenvolvimento de IDI.

A emergência desse debate se sustenta a partir de ressignificações pelas quais passam a docência e a aprendizagem, na medida em que se consolidam os movimentos de comunicação multidirecional (SÁ; SILVA, 2013) que buscam o rompimento com a lógica reprodutivista de transmissão dos conhecimentos (SANTOS; SILVA, 2009).

É comum, entretanto, que alguns cursos a distância desenvolvam-se sob a ótica da utilização de material didático digitalizado, evidenciando o foco em conteúdos compartimentados, seccionados, mas de modo que permitam processos de interação entre professores e alunos. No entanto, sua estrutura organiza-se em formatos demasiadamente hierárquicos e lineares, ou seja, ainda voltados para a lógica *um-todos*, onde professores perguntam, alunos respondem (SANTOS; SILVA, 2009; SANTOS e coautores, 2016). Apenas isso, repetidas vezes, como em um ciclo que vicia e aprisiona todos os envolvidos no processo educativo.

Reconhecemos que é a partir do desenvolvimento do desenho didático que são delineados e organizados os primeiros traços do planejamento que orientará o curso ou a disciplina que nos propomos a acompanhar e (inter)mediar. Gomez (2004, p.125) ressalta que “desenhar implica intuir, conceber, projetar, imaginar idealizar, representar e reproduzir na mente, na imaginação” e, nesta percepção, se remete ao desenho próprio da arquitetura, metáfora trazida também por Santos e Silva (2009, p. 111) quando caracterizam o desenho didático como “a arquitetura de conteúdos e situações de aprendizagem para estruturar uma sala da aula on-line contemplando as interfaces de conteúdo e de comunicação”.

Considerando-se que neste desenho estão presentes as projeções da proposta de EaD da qual fazemos/somos parte, é necessário destacar que as escolhas que orientarão a elaboração deste estão diretamente relacionadas à nossa percepção sobre o que sejam educação, ensino e aprendizagem, em uma perspectiva de EaD que colabore para o diálogo a co-construção da autoria dos processos didáticos em rede.

Vislumbrar a relevância do desenho didático para o planejamento de um curso a distância nos convida a compreender que, para além da dimensão tecnológica ou da concepção de distância, há que se pensar nos processos pedagógicos de modo a contribuir com as múltiplas possibilidades do fazer docente comprometido com a intencionalidade educativa e com a educação em rede marcados pela cibercultura (SANTOS e co-autores, 2016).

Estas colocações corroboram com as afirmações de Borges e Borges Neto (2007) quando tratam sobre as habilidades que o professor precisa desenvolver ao utilizar a tecnologia como meio que traga possibilidades à sua prática educativa, as quais se configuram como: a) o desenvolvimento do saber digital, onde o professor, ao imprimir uma ação cognitiva, potencializa o aparato tecnológico que será utilizado; b) a transposição didática, que é o momento no qual o professor consegue transpor o saber digital constituído, com o intuito de potencializar outras situações problematizadoras presentes em sua prática.

Faz-se necessária, por conseguinte, a construção progressiva da docência ressignificada a cada intervenção, a cada proposta, a cada sessão didática que exija reflexões sobre o ser/fazer docente. Para tanto, é essencial que consideremos a multiplicidade presente na rede no que se refere às interfaces e aos sujeitos que fazem parte dos processos educativos. Não basta apenas apresentar. Há que dialogar, apontar caminhos outros que não sejam aqueles voltados para um só olhar, uma só interface, um só texto. A hipertextualidade pode colaborar com esta percepção na medida em que oferece uma dimensão ampla e aberta de educação, na qual alunos e professores podem reconhecer-se e conhecer o outro nas múltiplas possibilidades de navegação.

Sendo assim, apesar de orientar os elementos do planejamento e de representar a intencionalidade da proposta de ensino, acreditamos que o desenho didático potencializa o processo educativo e amplia as possibilidades de intervenção quando se constitui como rede de relações, de conhecimentos e não como rota que limita e é fechada nos campos de possibilidades e situações de aprendizagem sobre as quais estão orientadas as situações didáticas (SANTOS; SILVA 2009).

Este caminhar colabora com compreensão do AVE enquanto lugar no qual estão implícitos os significados que representam os responsáveis por sua constituição, para que estejam explícitos a orientação pedagógica que conduz as intervenções ao longo do curso e que norteiam os processos de mediação pedagógica em uma perspectiva colaborativa, rizomática e intencional, que contribuam com uma EaD constituída a partir dos elementos que compõem o cenário sociotécnico marcado pelas redes de conhecimento.

2.2 Mediação Pedagógica

O desenvolvimento da cibercultura ampliou os processos comunicacionais, de modo que sua dinamicidade ultrapassam as questões da emissão e recepção. Sem dúvida, o desenvolvimento deste paradigma comunicacional (SÁ; SILVA, 2013) indica que a Educação realizada em e na rede (GOMEZ, 2004) deve perceber-se imersa neste contexto e com isso devem ser valorizados os saberes plurais, a coautoria e o compartilhamento.

Neste sentido, entendemos que a mediação pedagógica assume um caráter essencial em uma prática educativa que valorize os saberes dos indivíduos aos quais se destina. É por meio dela que o docente abre espaços para que os sujeitos possam refletir sobre os saberes adquiridos a partir de sua experiência, bem como daqueles que foram discutidos nas interações com o grupo.

Do mesmo modo, é importante atentar para processos de mediação coerente com a dimensão colaborativa, marcada por outras temporalidades que caracterizam a liberdade de posicionar-se e de interferir no posicionamento dos pares a partir de suas próprias perspectivas.

Neste caso, as ações de mediação poderiam ser compreendidas como “uma relação entre sujeitos que buscam no diálogo uma forma facilitadora e motivadora para a aprendizagem” (PEREIRA, 2004, p.38). Trata-se de (re)descobrir-se não apenas como aprendente-reprodutor, mas de influenciar e ser influenciado, de não apenas receber, mas de produzir outros conhecimentos a partir da colaboração traçada entre sujeitos que interagem em um AVE, marcado pelas potencialidades das IDI. Acerca desta discussão, Dutra enfatiza que:

A mediação interativa de autorias não ocorre apenas através dos instrumentos (externos), dos signos (internos), na centralização da técnica, ou do sujeito. Ela se encontra nas interações múltiplas que lida com o instável, o imprevisível e inédito, onde o consenso tem seu lugar e o dissenso não é desconsiderado, uma vez que os conflitos e negociações podem promover alterações junto aos atores-autores. Isto implica na capacidade de levar o outro além do seu Nível de Desenvolvimento Real (NDR), pois esta relação híbrida de autoria interfere na Zona de Desenvolvimento Potencial (ZPD) e favorece a colaboração, solidariedade pautada na ética e no compromisso histórico-social. (2006, p.47).

A mediação pode, neste sentido, desenvolver-se por meio de conexões entre as percepções iniciais que o sujeito traz consigo a partir da problematização das experiências vivenciadas (SOUZA, 2013), como um saber que pode ser formalizado a partir da construção de hipóteses que se desenvolvem coletivamente a partir do discurso colaborativo (GOMEZ 2004).

Corroborando com a observação de que a mediação constitui-se como um ato de colaboração e coautoria entre os saberes de professores e alunos e, portanto, não apenas deve estar restrita à figura docente, Lima (2008) propõe que: “as mediações pedagógicas sejam entendidas como interações entre os diversos sujeitos do processo educativo que, pautadas pela autoria e coautoria e orientadas por uma

intencionalidade pedagógica, têm como objetivo a aprendizagem e o desenvolvimento de saberes *colaborativos*” (p.107).

Certamente, a mediação que se organize em torno destas características requer uma postura docente comprometida com a pluralidade e a dialogicidade do processo educativo, uma vez que busca desconstruir a lógica de emissão-recepção, bem como possíveis “zonas de conforto” trazidas pelo planejamento próprio da pedagogia da transmissão, que enfatiza autorias– autoritárias².

Neste caso não basta dizer que a mediação é direcionada apenas ao uso das IDI, configurando-se o que se chama de “ensino mediado pelo computador”. Há que se destacar que o ato de mediar, implica intervir, o que exige compreensão e sensibilidade acerca dos aspectos que influenciam e constituem ensino e aprendizagem (ANDRADE, 2011).

Tal fato nos remete às colocações trazidas por Mill (2012), quando enfatiza a necessidade de uma EaD sem adjetivos, apenas comprometida, compreendida e evidenciada pelo que deve ser sua mola propulsora: a Educação. Não se trata de negar as especificidades de cada modalidade educacional, mas de desconstruir os rótulos que carregam as práticas de EaD enquanto educação de massas, sedutora em suas promessas, e colaborar com a construção de uma educação intencional, mediada por uma docência consciente de seu papel na busca de diálogos que apontem para caminhos e possibilidades comunicacionais multidirecionais.

2.3 Entre possibilidades e desafios: por uma EaD colaborativa e intencional

Levando em consideração o tracejar de conceitos e particularidades dos termos desenho didático e mediação pedagógica, nesta secção apontaremos algumas possibilidades e desafios que se apresentam em torno deste caminhar que compõe o desenvolvimento da EaD, comprometida com a utilização de IDI para potencializar as atividades e intervenções realizadas nos AVE.

Encontramos no desenho didático possibilidades de: a) valorização do trabalho em rede, potencializado pelas IDI; b) na construção e reconstrução de autorias colaborativas, que busquem o desenvolvimento de AVE para EaD interativos, hipertextuais e intencionais, pois conforme nos apontam Sá e Silva (2013, p.155) “a intencionalidade pedagógica atribuída a cada interface é fator crucial no AVA”; c) encontrar nas situações de aprendizagem um elemento problematizador do desenho inicialmente pensado.

Entretanto, reconhecer estas potencialidades e intencionalidades implica considerar os desafios que nela estão imbricados, inclusive no que se refere ao entendimento deste Ambiente Virtual, enquanto lugar de *ensino*, não no sentido de relacionar-se à postura tradicional de transmissão de conhecimentos prontos, mas

² Termo utilizado por Dutra (2006) ao tratar sobre processos “falsamente democráticos” (p.42), que com a perspectiva “inovadora” de autoria disseminam a analogia implícita ao termo no sentido de acompanhamento passivo das tomadas de decisão e ações que norteiam a prática educativa.

enquanto proposta que reconhece na Didática uma possibilidade de fundamentar o trabalho desenvolvido.

Dentre estes desafios, é possível destacar: a) a dicotomia existente entre aqueles que elaboram o desenho didático (equipe pedagógica) e aqueles que o sistematizam no Ambiente Virtual (equipe técnica); b) a necessidade de práticas que busquem a desconstrução da lógica reprodutivista que enfoca a abordagem do conteúdo digitalizado, pouco interativo e que desconsidera abordagens problematizadoras, próprias da educação em rede; c) o enfoque no desenho didático interativo, que valorize a hipertextualidade como possibilidade de contribuir com a aprendizagem contextualizada e significativa (SANTOS; SILVA, 2009; SILVA, 2012; SÁ; SILVA, 2013).

No que concerne à mediação pedagógica, se apresentam como possibilidades: a) o reconhecimento e construção de autorias compartilhadas entre professores e alunos; b) a interatividade presente nas IDI, como possibilidade de diálogo e formalização dos saberes que os alunos trazem consigo para a construção; c) a colaboração enquanto aliada de intervenções contextualizadas com os saberes e conhecimentos reconhecidos pelos alunos.

Foram reconhecidos como desafios que ainda se apresentam à mediação pedagógica para a EaD o desenvolvimento de: a) ações de mediação que favoreçam a autoria e coautoria dos partícipes, no sentido de ampliar a comunicação todos-todos; b) a necessidade de refletir e rever as intervenções docentes desenvolvidas no AVE; c) o rompimento com as classificações ainda presentes na condução de processos educativos desenvolvidos nesta modalidade (SANTOS et al., 2016).

Identificados os conceitos, suas possibilidades e desafios, amparamo-nos no entendimento problematizado por Sá e Silva (2013) de que estas categorias – desenho didático e mediação pedagógica – apresentam-se como essenciais a uma proposta de EaD que busca o fortalecimento de suas ações didáticas.

Entretanto, acreditamos que, apesar de reconhecida a relevância de cada uma destas categorias, há que identificá-las como perspectivas essenciais e indissociáveis no desenvolvimento de um curso a distância que se propõe ao desenvolvimento de práticas que colaborem com o cenário sociotécnico da cibercultura.

Isso porque é o desenho didático o primeiro passo para a sistematização da proposta que norteará as ações didáticas no Ambiente Virtual, é a partir dele que serão estruturados: os objetivos, as atividades, as interfaces. Mas, sobretudo, é por meio do desenho didático que são sistematizadas as propostas e intenções de intervenção, sobre as quais deve estar amparada a mediação pedagógica.

Por outro lado, as estratégias utilizadas nesta(s) mediação(ões), interferem diretamente na observação e ressignificação deste desenho, caso contrário a prática e o ambiente ficam restritos apenas à transmissão de conteúdos. Estas alterações podem ser realizadas a partir do acompanhamento e mediação realizados no AVE, à medida que se identifique a necessidade de ampliar debates, discutir temáticas outras que *a priori* não pareciam demasiado pertinentes à discussão ou ainda de (re)visitar os

objetivos e intencionalidades sobre os quais estavam sustentadas as propostas iniciais do curso a distância.

Sendo assim, a discussão acerca dos conceitos de desenho didático e mediação pedagógica evidenciou categorias aparentemente isoladas que, a partir do reconhecimento de sua indissociabilidade, revelam-se essenciais à EaD, sobretudo pelo ressignificar de olhares conferidos às interfaces e práticas pedagógicas marcadas pela colaboração entre sujeitos, assim como pela intencionalidade educativa.

A seguir apresentaremos as considerações que sistematizam as percepções evidenciadas por este trabalho.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Estamos inseridos em um contexto sociotécnico revelador de possibilidades de comunicação, interação e ressignificação de ações cotidianas, tendo em vista as características e potencialidades trazidas com o advento da cibercultura. Este contexto é revelador de possibilidades também para a EaD na medida em que processos de ensino e de aprendizagem podem ser reconfigurados a partir das interfaces digitais interativas, bem como do desenvolvimento de Ambientes Virtuais.

As pesquisas voltadas para os contextos destes ambientes (SANTOS, 2005; Dutra, 2006; ARAUJO, 2007; SANTOS e coautores, 2016);) revelam potencialidades de interação e comunicação valiosas às práticas destinadas à colaboração entre sujeitos, bem como aos processos de autoria e coautoria, mas também destacam que a utilização da internet não garante perspectivas inovadoras de educação, já que as práticas podem configurar-se em uma proposta unidirecional e reprodutivista, que subtiliza as interfaces utilizadas (SÁ; SILVA, 2013).

Nesta perspectiva, identificou-se a necessidade de discutir os conceitos de desenho didático e mediação pedagógica, como possibilidade de reflexão para uma proposta de EaD intencional e comprometida com a docência reflexiva.

Os diálogos realizados com os autores acerca dos referidos conceitos, permitiram identificar possibilidades e desafios que se sustentam em torno dos princípios da interatividade, da construção de autorias e da necessidade de práticas intencionais.

Observou-se, assim, que apesar de constituídos separadamente, as categorias desenho didático e mediação pedagógica se entrelaçam, na medida em que são observadas a partir da indissociabilidade que deve sustentar práticas de EaD coerentes com uma proposta pedagógica reflexiva, apresentada e ressignificada no pensar sobre a prática desenvolvida em Ambientes Virtuais de Ensino.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Viviane Silva de. **A Sequência Fedathi e o ambiente virtual de ensino Telemeios na determinação da equação de uma reta**. Dissertação (mestrado) –

Universidade Federal da Ceará, Curso de Pós-Graduação em Educação Brasileira, Ceará, 2011. 186 f.

ARAUJO, Maristela Midlej Silva de. **O desenho didático interativo na educação online e a prática pedagógica no ambiente virtual de aprendizagem**: um estudo de caso. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal da Bahia, Curso de Pós-Graduação em Educação, Bahia, 2007. 167 f.

BONILLA, Maria Helena Silveira. A presença da Cultura Digital no GT Educação e Comunicação da ANPED. **Revista Teias**, Rio de Janeiro, v. 13, n. 30, p. 71-93, set./dez. 2012. Disponível em: <<http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revistateias/article/view/24272/17251>> Acesso em: 20 ago. 2016.

BORGES NETO, Hermínio e BORGES, Suzana Capelo. **O que é inclusão digital?**. Disponível em: <teleduc4.multimeios.ufc.br/cursos/diretorio/leituras_146_10/INCLUSAO%20DIGITAL_HBN_SUZANA_2007.pdf>. Acesso em: 23 set. 2015.

BORGES NETO, Hermínio. **Uma classificação sobre a utilização do computador pela escola**. Disponível em: <http://www.multimeios.ufc.br/arquivos/pc/pre-print/Uma_classificacao.pdf>. Acesso em: 24 set. 2015.

DUTRA, Marlene de Alencar. **Mediação de autorias e avaliação solidária em comunidades virtuais de aprendizagem**. Dissertação (mestrado) – Universidade do Estado da Bahia, Curso de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade, Bahia, 2006. 112 f.

GOMEZ, Margarita Victoria. Concepções de rede. In: GOMEZ, Margarita Victoria. **Educação em rede**: uma visão emancipadora. São Paulo: Cortez/Instituto Paulo Freire, 2004.

LEMOS, André. **Cibercultura**: tecnologia e vida social na cultura contemporânea. Porto Alegre: Sulina, 2013, 6ed.

LIMA, Tereza Cristina Batista de. **Ação educativa e tecnologias digitais**: análise sobre os saberes colaborativos. Tese (doutorado). – Universidade Federal da Ceará, Curso de Pós-Graduação em Educação Brasileira, Ceará, 2008. 224 f.

LOPEZ, Silvana Aparecida Nieto; DAVID, Alessandra. A área de Tecnologia da Informação e Comunicação no curso de Pedagogia: o currículo moldando a prática de ensino. In: XVI ENDIPE - ENCONTRO NACIONAL DE DIDÁTICA E PRÁTICAS DE ENSINO - UNICAMP - Campinas – 2012. **Anais...** Campinas: Junqueira & Marin Editores, livro 03, 2012. p. 5842 – 5853.

MAURI, Teresa e ONRUBIA, Javier. O professor em ambientes virtuais: perfil, condições e competência. In: COOL, César; MONEREO, Carles (org.). **Psicologia da Educação Virtual**: aprender e ensinar com as tecnologias da informação e da comunicação. Porto Alegre: Artmed, 2010.

MILL, Daniel. **Docência Virtual**: uma visão crítica. Campinas: Papyrus, 2012.

NOVA, Cristiane & ALVES, Lynn. Educação a distância: limites e possibilidades. In: NOVA, Cristiane & ALVES, Lynn (Org.). **Educação a distância: uma nova concepção de aprendizado e interatividade**. São Paulo: Futura, 2003.

PEREIRA, Viviane de Oliveira. **Bate-papo na internet: algumas perspectivas educativas**. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal da Ceará, Curso de Pós-Graduação em Educação Brasileira, Ceará, 20014, 190 f.

SÁ, Helena; SILVA, Marco. Mediação docente e desenho didático: uma articulação complexa na educação online. In: **Revista Diálogo Educ.**, Curitiba, v.13, n.38, p.139-159, jan/dez.2013.

SANTOS, Edméa Oliveira dos et. al. Mediação Docente Online para colaboração: notas de uma pesquisa-formação na Cibercultura. In: **Revista Educação Temática Digital**, Campinas, v. 18, n.2, p. 23-42, jan./abr., 2016.

SANTOS, Edméa Oliveira dos. **EDUCAÇÃO ONLINE: Cibercultura e Pesquisa-Formação na Prática Docente**. Tese (doutorado) - Universidade Federal da Bahia, Curso de Pós-Graduação em Educação, Bahia, 2005. 351 f.

SANTOS, Edméa Oliveira dos; OKADA, Alexandra Lilavati Pereira. A **construção de Ambientes Virtuais de Aprendizagem**: por autorias plurais e gratuitas no ciberespaço. Disponível em: <<http://26reuniao.anped.org.br/trabalhos/edmeaoliveiradosantos.pdf>>. Acesso em: 14 jul. 2014.

SANTOS, Edméa Oliveira dos; SILVA, Marco. Desenho didático para educação *on-line*. In: Revista **Em Aberto**, Brasília, v. 22, n. 79, p. 105-120, jan. 2009.

SANTOS, Edméa Oliveira dos; WEBER, Aline. Educação e cibercultura: aprendizagem ubíqua no currículo da disciplina didática. In: **Revista Diálogo Educ.**, Curitiba, v. 13, n. 38, p. 285-303, jan./abr. 2013.

SOUZA, Maria José Araújo. Sequência FEDATHI: apresentação e caracterização. In: BORGES NETO et al (org.). **Sequência FEDATHI: uma proposta pedagógica para o ensino de matemática e ciências**. Fortaleza: Edições UFC, 2013.

YOUNG, Regina Santos. **Inserção das Interfaces Digitais Interativas (IDI) no ensino presencial superior: práticas educativas e formação docente no curso de Pedagogia da UERN**. Tese (doutorado) – Universidade Federal da Ceará, Curso de Pós-Graduação em Educação Brasileira, Ceará, 2014. 204 f.